

Miguel Baltazar

"A saída de Paulo Portas terá efeitos negativos. Goste-se, ou não, a verdade é que o CDS tem por ele um carinho, uma quase idolatria", afirma Lobo Xavier.

ENTREVISTA **ANTÓNIO LOBO XAVIER**

**“Não creio que António Costa
vá aguentar-se muito tempo”**



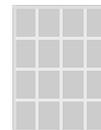


Weekend
negócios

SEXTA
12.02.16

**ANTÓNIO
LOBO
XAVIER**

**Onde fui menos livre
foi na política**



Sexta-feira | 12 de Fevereiro de 2016 | Negócios

ANTÓNIO LOBO XAVIER

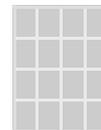
Sempre fui europeísta e liberal, à direita. Nunca mudei. António Lobo Xavier é advogado numa família com muitos homens de Direito. Nasceu em Coimbra, tem 56 anos. Inscreveu-se no CDS aos 14, foi deputado e líder parlamentar, mas desde então nunca se colocou por inteiro na política activa. Não por falta de convites. Revela que foi chamado para o Governo por Durão Barroso, Santana Lopes e Passos Coelho. Não eram as pastas certas para os seus desejos. Se fossem os Assuntos Parlamentares ou a Presidência do Conselho, talvez tivesse aceiteado. Entretanto, foi convidado pelo Presidente da República eleito, Marcelo Rebelo de Sousa, para integrar o Conselho de Estado. No presente, defende uma ligação entre o CDS e o PSD. Quanto a António Costa, apesar dos elogios, não acredita que o seu Governo dure muito tempo. Tempo tem Lobo Xavier para outras actividades, seja o comentário político na "Quadratura do Círculo", a produção de vinho, a criação de gado, a música ou a cozinha. Os amigos gabam-lhe a lampreia e nesta conversa deixa a receita para um bom prato.



ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA

MIGUEL BALTAZAR





Se não tivesse optado pela advocacia, o que teria sido?

A única coisa na minha vida que se definiu quase como uma alternativa foi tentar doutorar-me e ser professor na Faculdade de Direito de Coimbra.

Com o pai professor, “estava nos astros” que teria de seguir Direito...

Aprendi numa conferência do Manuel Sobrinho Simões que isso não faz parte do material genético, apesar de haver muitas coincidências na minha família. O meu avô era advogado, nos irmãos do meu pai há um juiz, professores de Direito e advogados. Na geração da minha avó paterna também havia advogados e professores de Direito. E do lado da minha mãe também há vários advogados.

Isso era um grande condicionamento?

Não. Acho que isso influencia o estilo de conversas familiares. Não é que na minha casa se falasse muito de Direito, mas está presente no modo como se conversa, como se contam as histórias. O meu pai tinha uma enorme preocupação de rigor. As conversas que tínhamos, se eram sobre factos, pareciam quase um tribunal. Detestava exageros, mentiras. Essa preocupação é compreensível num quadro jurídico.

Era sedutor para si? Pensou: quando for grande quero ir por aí?

Quando era pequeno, queria ser engenhei-

ro sem saber bem o que era isso. E quando veio o 25 de Abril [tinha 14 anos] não tinha muita certeza sobre a profissão. Comecei a participar na vida associativa e a politizar-me rapidamente. A dialéctica passou a ser importante. E o que estudei sobre a ciência política, as ideologias, a retórica, as Constituições, tudo isso condiciona. No dia 25 de Abril, procurei o recreio dos mais velhos para poder fumar um cigarro. Estavam em grande agitação, discursos, debates... Não fazia ideia do que se tratava. Mas, passados poucos meses, já estava a pensar em inscrever-me na Juventude Centrista. Às vezes, na “Quadratura do Círculo” [SIC Notícias], olho com simpatia para Pacheco Pereira e Jorge Coelho, quando dizem que fulano disse isto e depois aquilo... Toda a gente mudou nestes 40 anos. Não digo isto para os criticar. Não me gabo disso, mas eu nunca mudei. Tive sempre o mesmo pensamento.

Nem tentação, frustração, desilusão, um motivo para mudar?

Nunca, nunca. Sempre fui europeísta e liberal, à direita. Uma direita que em tempos se chamava em França orleanista, não bonapartista. Votei no CDS pelo sim ao Tratado de Maastricht... Nunca tive uma deriva.

Foi o CDS que mudou, nomeadamente em relação à Europa?

Foi mudando, umas vezes para um lado, outras para outro. Eu não.

Voltemos à advocacia. Feito Direito, foi professor universitário, especializou-se em Direito Fiscal...

Por causa da política. Depois do curso, hesitei sobre o que ia estudar a seguir. Gostava de Direito Civil, de Direito das Sociedades, mas tive de estudar Direito das Finanças Públicas. Em 1983, na primeira semana de grupo parlamentar do CDS, que era então composto por Morais Leitão, José Luís Nogueira de Brito, Lucas Pires, disseram-me: “Você tem de ir atacar os impostos retroactivos e tem de propor uma lei de enquadramento do Orçamento.” Tive de estudar, de fazer jus a uma certa fama de que era bom aluno, e isso definiu a minha vocação científico-profissional.

Depois foram os negócios que o levaram a aprofundar esse conhecimento, quando começou a trabalhar com Belmiro de Azevedo.

Não sabia nada. Não sabia mesmo. Embora estivesse na comissão de reforma dos impostos que dariam lugar ao IRS e ao IRC, conhecia mal a vida das empresas, sobretudo das que estavam a começar na bolsa, com problemas no mercado de capitais e uma fiscalidade específica. E não conhecia a Sonae.

Quem o levou até lá?

Foi o meu grande amigo Carlos Osório de Castro, que trabalhava para a Sonae e vivia no Porto. Tínhamos sido os melhores alunos do curso, “ex aequo”, se bem que ele era melhor

do que eu. Fui responder a dúvidas da Sonae e fi-lo como um catedrático... Às perguntas que me fizeram não soube responder nem sabia a que realidade diziam respeito. E isso fez-me mudar. O tipo de intervenção do engenheiro Belmiro de Azevedo, o modo como ele gostava de desafiar o Direito, a rapidez com que ouvia os advogados e tomava uma decisão eram absolutamente deslumbrantes. Estou neste tipo de advocacia por causa da Sonae. Uma vez, o Eng. Belmiro até disse que, se houvesse justiça, devia cobrar-me uns “royalties”. Ri-me, mas acho que ele tem razão.

Belmiro de Azevedo marcou-o muito na sua vida?

É muito meu amigo. A atenção que me dedica é sempre um presente extraordinário.

Que lições mais fortes lhe ficaram dessa relação pessoal e profissional?

Tinha talvez os piores defeitos que Belmiro de Azevedo pode encontrar num profissional. Era advogado e político com alguma confiança na oratória, um homem da palavra e da escrita, e essas qualidades não eram os melhores cartões-de-visita. Não era homem da acção. Eram “handicaps”, não para as relações, mas para trabalhar com ele. A Sonae ensinou-me a adaptar essas qualidades a ambientes rigorosos, com verdade, lealdade. Aprendi lá valores bastante humanos e não de negócio. Fiquei melhor pessoa e melhor profissional.

É uma questão de rigor e assertividade?

São várias coisas que encontrei também depois em outros empresários. Mas o rigor, a frugalidade, o respeito pelo dinheiro dos acionistas...

Tem alguns exemplos?

Nunca me passava pela cabeça, enquanto fui executivo da Sonae, usar o cartão de crédito da empresa para qualquer coisa que não fosse estritamente de serviço, o que me exigia algum zelo porque tinha actividades diversas. Quando promovos jantares ou realizo encontros, tenho uma tendência para a grandeza, sou um gastador, uma pessoa da pintura global e não dos detalhes. Normalmente, não peço orçamentos, quero uma coisa e depois surpreendo-me com a conta. Ora, isso na Sonae era impossível. O ambiente era de muita exigência no que se diz, como se faz, como se trata o dinheiro da empresa e na justiça com os colaboradores.

E quando esses valores não eram respeitados, Belmiro era severo?

Belmiro de Azevedo, como Alexandre Soares dos Santos, de quem sou também muito amigo, quando se desilude nestas matérias de honra, zelo, probidade, verdade, a desilusão é brutal, definitiva, em regra.

Muitas vezes, quando falamos de Direito Fiscal, utiliza-se a expressão "planeamento fiscal" como sinónimo de uma arte de bem conformar os impostos, ao alcance de quem puder contar com os melhores especialistas. Como olha para esta situação?

Há uma grande componente de mito. As possibilidades são limitadas... Vou dizer uma coisa contra a minha profissão. Os planeamentos não são propriamente uma ciência espacial. É uma ciência relativamente madura e estandardizada. A customização das soluções, a adaptação às situações concretas e, sobretudo, a medida de risco, é que variam. O advogado fiscal nessa parte de consultadoria escolhe os caminhos menos onerosos, que é como eu prefiro dizer, a sua especialidade é mais pessoal do que científica. Dar confiança aos clientes, de que estamos a propor soluções equilibradas, que não se transformam num problema logo a seguir. Os poderes e a tecnicidade da administração fiscal são tão elevados, estão tão presentes dentro das empresas, que as construções de planeamento que não dão problemas ou que não tenham risco são limitadas. Mas não há nenhuma razão para que um gestor que se preocupe em gerir bem os seus recursos humanos, o seu capital, não queira gerir bem a sua relação com o Estado.

Quando Belmiro de Azevedo lhe pedia, a brincar, "royalties", inversamente também lhe podia responder que lhe tinha poupa-



Não creio que António Costa vá aguentar-se muito tempo.

As grandes empresas já não vivem à sombra do Estado.

do muito dinheiro pelos conselhos fiscais que lhe deu...

Nunca lhe poderia dizer isso. Não por falsa modéstia, mas porque, no modo de funcionar da Sonae, raramente alguma coisa é produto de uma só pessoa. Talvez na área do mercado de capitais soluções tiradas do chapéu pelo meu amigo Osório de Castro sejam bastante individualizadas. O meu trabalho foi sempre integrado em equipas.

Onde é que perde mais liberdade? Na advocacia, nos negócios, na política?

Onde fui menos livre foi na política.

Porquê?

Quando me convidaram para ser líder parlamentar, a bancada do CDS era composta por Gírio Pereira, Nogueira de Brito, Adriano Moreira, Narana Coissoró... Pensei que estavam a brincar comigo ou que queriam arranjar um faz-tudo para eles poderem ter uma vida mais cómoda... Ao mesmo tempo, tinha de articular a bancada com a direcção de Manuel Monteiro pela qual grande parte dos deputados não tinha simpatia ou estava mesmo em choque. Cheguei a pedir desculpa ao Parlamento quando Manuel Monteiro chamou aos deputados "sanguessugas". Nessa altura, não tinha muita liberdade. Sentia que precisava de ser leal ao líder, mas discordava dele em muitos aspectos.

Advocacia, negócios e política são um triângulo perigoso?

Estou algures entre uma visão angélica de toda a advocacia dos negócios e a visão populista de que todo o mal e toda a corrupção que se fazem em Portugal é por causa da intervenção dos advogados. A minha experiência é que isso depende das pessoas concretas, da forma como entendem a sua profissão e a sua dignidade. Se me perguntar se há advogados que abusam do seu papel de conhecedores de teias de relações para obterem vantagens para os seus clientes, há, claramente. Vão variando consoante os ciclos políticos. Nunca tive esse problema. Ainda há pouco tempo lembrava ao secretário de Estado dos Assuntos Fiscais que nunca lhe falei de nenhum assunto concreto para o qual tivesse de fazer uma intervenção que o desviasse da sua conduta normal.

Alguma vez foi confrontado por alguém que quisesse tirar partido do seu peso político, da sua influência?

Tenho a vaidade de dizer que são muito poucos os casos em que alguém teve a lata de me pedir coisas dessas.

Quando aconteceu...

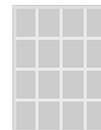
Não pude aceitar e perdi o cliente. Histórias que clientes e empresas me contam



de intervenções em que foram prejudicados pela interferência de outros advogados, isso infelizmente tenho de reconhecer que existe. Mas não é um defeito da advocacia. É um defeito das pessoas. Há maus políticos e maus advogados. Há advogados corruptos e corruptores.

Com o conhecimento que tem, que radiografia faz do país, dos corredores, dos bastidores? A falta de transparência política tem hoje mais peso?

Embora não definitivamente, as grandes empresas portuguesas saíram muito dos corredores dos ministérios. Nos últimos anos, digo-o sem paixão partidária, saímos de um tempo em que a estratégia do Estado era a de utilizar as grandes empresas como alavancas do crescimento. Era a estratégia de Sócrates. E isso fazia com que se estivesse sempre a dar e a rece-



ber. Acho que esse tempo mudou bastante, até porque o Estado entrou numa situação de penúria. As grandes empresas já não vivem à sombra do Estado. Os escândalos ajudaram a que haja mais consciência moral. Pulverizaram-se fortunas, destruíram-se empresas, emprego, valor. Num certo sentido, houve uma justiça punitiva neste mundo, antes mesmo de se chegar ao outro.

Ou de se chegar a tribunal.

Ao sair, o líder da primeira missão da troika [Abebe Selassie] perguntou-me, numa conversa pessoal: "Acha que mudou alguma coisa no espírito das instituições, das empresas e das pessoas? Se acha que não mudou, então estaremos cá dentro de pouco tempo. Se acha que alguma coisa mudou, então talvez se agüente."

Que lhe respondeu?

Disse-lhe que os portugueses passaram a

ter maior consciência de que o que faz o Estado tem de ser pago por eles. O próprio aparelho do Estado passou a ter maior consciência da necessidade de evitar o desperdício. Mas não se conseguiu tudo. Não houve uma revolução cultural, de mentalidades. Avançou-se bastante, mas não se fez uma revolução completa.

Como se define politicamente?

Sou uma pessoa de centro-direita, europeísta, desejoso de avanços na integração europeia. Do ponto de vista dos catálogos ideológicos: democrata-cristão. Quero a democracia liberal, mas ao mesmo tempo quero a intervenção do Estado em matéria de justiça social e correcção de desequilíbrios. Aposto mais nos indivíduos do que no colectivo.

Foi deputado, líder parlamentar, poderia ter sido líder do CDS. Chegou a candidatar-se em

1992. Foi ficando, mas sempre à distância. Porquê?

Na "Quadratura do Círculo" tive de fazer uma escolha: ou se é militante activo e participante na primeira linha, com obrigações especiais de manter a ortodoxia, ou se faz comentário razoavelmente livre. Não digo que seja um independente total e que a minha filiação é indiferente no comentário. O que digo é que tenho de estar à vontade, sobretudo por causa da exigência a que sou submetido pelos meus opositores.

Isso quer dizer que a "Quadratura" se tornou mais valiosa para si do que uma eventual participação mais activa na vida política?

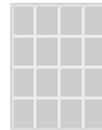
A "Quadratura" é o momento político para que eu tenho tempo. Para quem tem uma vocação política e ficaria frustrado se não dissesse o que pensa, o programa acaba por resolver esse problema.

Isso significa que nunca abdicou de querer fazer a sua vida enquanto advogado e gestor. A política nunca lhe fez sacrificar esses lados?

Talvez seja um comodista. Sou criticado por isso. Os meus colegas de partido têm muita paciência. De vez em quando levo um remoquezinho, mas sou tratado com muito carinho. Clientes e empresários dizem-me que haverá um dia em que me deixarei da conversa da treta... Sinto esse remorso. Escrevi num prefácio de um livro sobre António Costa que ele me trazia problemas de consciência. O modo como deixou uma vida cómoda, mais adequada ao seu estilo, condições materiais e emoções, e foi para aquele chamamento, fez-me alguns remorsos. Mas nunca me arrependi de fazer o que faço.

E a família, o que lhe diz?

A minha mulher é muito pragmática e



sempre me disse que estaria disponível para essa opção, mas nos vários momentos em que tive de decidir em 24 horas, o conselho dela, o modo como me explicou a realidade e falou de mim próprio impediram-me sempre de dar o passo. Devo-lhe isso porque não estou arrependido. Uma das vezes apresentou-me de forma realista os actos materiais que seria preciso levar a cabo para poder aceitar ser ministro: desvinculações, vendas, colégios... Eu tendo a desvalorizar os pormenores quando quero muito fazer uma coisa. Se não fosse o lado racional, já tinha caído nessa tentativa.

Ir para o Governo chegou a colocar-se?

Chegou, mas nunca para um posto que eu sentisse mesmo que poderia acrescentar a diferença.

Se o convite tivesse sido para ministro das Finanças, pensaria de outra maneira?

Não sei se teria competência para ministro das Finanças num país em ajustamento. Mas confesso que faria bem, ou razoavelmente, como ministro da Presidência ou ministro dos Assuntos Parlamentares. Gostaria até mais do que ser ministro das Finanças. E não perdi esse gosto.

Não houve convites para essas áreas?

Não. Houve noutras, mas apesar da generosidade das pessoas que me convidavam, podia semear o Governo de problemas. Um advogado ligado a várias empresas, que tem clientes conhecidos, transporta um passado de relações que podem tropeçar em cada momento. Por exemplo, a Economia seria uma área que me estaria vedada, telecomunicações, hipermercados, transportes, construção, a tudo isso tenho ligações especiais. Não poderia ser eu. Seria um empecilho para o Governo. Depois, falando com vários ministros, aprendi que nestes anos de chumbo, como lhes chama Pacheco Pereira, só se pode estar num Governo se se tiver uma confiança total no primeiro-ministro e no resto da equipa. Sem essa relação é um risco enorme. Pessoas que gostam de pensar pela sua cabeça, que não são políticos de carreira, se não têm entrosamento pessoal com quem detém o poder não vale a pena arriscarem.

Os convites aconteceram nos governos partilhados pelo CDS? Com Durão Barroso, Santana Lopes e Passos Coelho?

Sim, em todos esses governos.

Se a questão se voltar a colocar no futuro, nomeadamente na Presidência e nos Assuntos Parlamentares, admite ponderar?

No caso de Paulo Portas, só não me falou nesses lugares para que eu estaria mais vocacionado porque não os teve para dar. É bastante diletante uma pessoa passar a vida inteira com um pé na política e outro fora. Tento sossegar a minha consciência lembrando que já fui deputado com grandes custos, trabalho e sacrifício pessoal. Mas não digo que dessa água não beberei.

Hoje, depois de quatro anos de Governo, que traço distintivo separa o CDS do PSD?

As circunstâncias difíceis da governação aproximaram muito os dois partidos. A luta era comum, de sobrevivência, a hostilidade era geral e isso une as pessoas. Não acho que tenha havido um frio movimento de unidade ideológica, mas a necessidade de aprimorar as relações e tornou os dois partidos bastante próximos.

Por isso, disse em tempos que talvez fosse útil uma certa diluição do CDS e do PSD num único partido.

Tenho medo de falar antes dos congressos. Em murmúrio, fui acusado no CDS de pensar numa espécie de federação à direita em que os partidos se mantinham com a sua individualidade, mas estavam disponíveis para um percurso comum. Lamento dizer, mas não mudei de ideias. O que está à vista, com este modelo estranho de Governo, mostra que a direita só pode ser Governo com maioria absoluta. E esta maioria absoluta depende de um entrosamento. CDS e PSD são diferentes, não tanto ideologicamente, mas nas suas origens, percurso e nas pessoas. Não acho impossível uma certa matriz de entendimento permanente, que não limite a liberdade, mas que mostra que, se for necessário, os dois partidos têm ideias comuns suficientes para formarem governo.

Como se concretiza?

Com algum tipo de organização comum. Não falo em fusões nem diluições completas. E não acho que a minha ideia seja desfavorável ao CDS. Pelo contrário, dá-lhe um estatuto de maior igualdade e não de pequeno partido.

Que caminho está a fazer o CDS?

Tinha receio de que o CDS, perdendo o seu líder, se refugiasse numa coisa muito identitária. Felizmente, não vai por aí, não se fechou. Assunção Cristas quer centrar o partido no percurso do CDS. Não há uma grande mudança em relação a Paulo Portas. Ser um partido de nicho não lhe dá sustentabilidade. Tem de ser um partido interclassista, não ligado a corporações especiais, que dá resposta a toda a sociedade e não a sectores específicos.

E Assunção Cristas?

É menos liberal do que Paulo Portas, embora também seja bastante liberal e Paulo Portas não seja o estereótipo do mais liberal dirigente do CDS. Dá mais atenção aos problemas da família, tem uma posição equilibrada na economia. Não representa nenhuma ruptura com o CDS de Paulo Portas dos últimos anos. Ao passo que no PSD os primeiros sinais dessa procura de identidade são preocupantes porque me parecem um pouco atabalhoados.

A saída de Paulo Portas vai ter consequências?

Goste-se, ou não, a verdade é que o CDS tem por ele um carinho, uma quase idolatria. A saída terá efeitos negativos. Haverá pessoas que não vão perceber qual é o seu lugar, como é que se faz. Implica mudanças na própria acção política porque Paulo Portas fazia as coisas de uma maneira que não é replicável. É uma força política da natureza, polarizava todas as atenções da comunicação. Era fácil realizar uma iniciativa política desde que ele estivesse. Porventura, o partido vai necessitar de voltar a ter estruturas, notáveis locais, gente das cidades, cientistas, novos empresários. Portas supria muitas dessas falhas.

No PSD, Passos Coelho vai recandidatar-se. Que espera dele?

O PSD seria muito injusto, frio a um ponto incompreensível, se quisesse sacrificar Pedro Passos Coelho. Uma coisa é dizer-se, como vários comentadores e Rui Rio, que se o PSD não mudar de líder não mudará de posição e de força, outra coisa é o aparelho e os militantes acharem que têm de atirar pela borda fora um líder a quem devem muito.

O CDS vai mudar de líder.

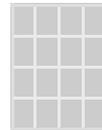
Mas no CDS ninguém quis pôr o líder pela borda fora. Foi ele que saiu pelo seu pé. Se fossem perguntar aos militantes, 90% diriam que devia ficar. Com Passos Coelho é diferente. Ele não quer sair, acha que esta solução governativa vai ter um prazo muito curto e que vai outra vez governar. Se o prazo for curto, está disponível...

E se isso não acontecer?

Vai-se arrastar um pouco. Para o bem e para o mal, Passos Coelho é o líder destes últimos quatro anos e vai ser assim que vai ser visto. Isto não se pode mudar. Não é possível mudar de personalidade e aparecer com outra cara. Percebo que tenha um problema interno. Lutou contra a tendência normal dos políticos, que é agradar. Teve a opinião pública virada contra ele, aguentou com determinação,



Não podemos combater as desigualdades afugentando os produtores de riqueza.



e agora vai-se embora? Por alma de quem? Isto não é assim. E o partido está com alguma criação interna, com movimentos de mudança? Não vejo. Rui Rio prejudicou-se por durante muito tempo ter alimentado que tanto poderia ser Presidente da República ou candidato a primeiro-ministro e líder do PSD. Demorou tempo demais. Embora não seja pessoalmente sobranceiro nem arrogante, é assim que isso se lê.

Conhece bem António Costa. Que homem política é este?

À direita, esta solução governativa é um traumatismo gigantesco. Não só porque António Costa perdeu, mas porque pela mão dele chegaram ao poder o PCP e o BE. A direita acha que não traz soluções, só problemas, e que é o cavalo de Tróia da entrada na governação das franjas mais perigosas e com um pensamento mais reaccionário. Não lhe perdoam e acham que uma pessoa capaz de fazer isso não pode ser boa pessoa. Ficam muito espantados quando nego. António Costa é uma pessoa agradável, cordial, zeloso com os seus amigos. Politicamente, é bastante frio e tem um certo espírito de jogador, tem arte. Não é uma coisa má. Sujeito a tensões, reage bem, mantém sempre a frieza para encontrar caminhos de saída com habilidade. Está à vista. Mas esta solução governativa não marca o carácter.

Surpreendeu-se com a evolução política de António Costa?

Não apostaria que faria isto com tanta facilidade. Quais foram os momentos em que estivemos mais próximos na “Quadratura do Círculo”? Foi quando se discutiu a Europa. Nunca teve, nem tem agora, nenhuma posição de rebeldia. É um europeísta. E por isso nunca pensei que pudesse levar à boleia, ainda que para sobreviver, partidos que pensam coisas tão diferentes. Sabia que tinha tido experiências de negociação à esquerda e que tinha encontrado disponibilidade para consenso e lealdade. Mas estávamos a falar na jardinagem e no ambiente... São outros temas. Não são nacionais nem da frente europeia.

O seu mandato será duradouro?

Se a economia estivesse pujante, se a Europa não estivesse em crise, podia aguentar-se. Não creio que vá aguentar-se muito tempo. Havendo pouco que repartir, a esquerda tem dificuldade em funcionar.

Político, advogado, comentador, professor, gestor, agricultor, músico, cozinheiro... o que é que lhe dá mais prazer?

Sou um sortudo porque em todas essas coisas tenho muitos momentos de prazer e por isso não sou capaz de abdicar de nenhuma. Há poucas coisas que me dêem mais satisfação do que fazer uma refeição para ami-

gos ou para a família e ela correr bem.

Por exemplo, uma lampreia. Consta que faz uma lampreia extraordinária.

Acho que faço bem. Não estou a ser modesto outra vez, mas é só uma arte de paciência, que não tem grandes segredos.

Com quem aprendeu?

Com a minha tia Tacha, em Penafiel.

Quer partilhar uma receita com os leitores?

A lampreia tem pouco sabor. Tenho medo de horrorizar as pessoas, mas já a provei crua. É um pedaço de borracha sem interesse nenhum. Alimentos deste tipo exigem uma espécie de sopa de pedra. O segredo não está neles, embora se possam transformar em coisas fantásticas, mas depende do que se lhes faz. Primeiro, é preciso escolher boas lampreias, no tempo certo. O vinho para a marinada e para se cozinhar tem de ser o melhor e não vinho corrente. O vinagre deve ser tinto, também da melhor qualidade. Na marinada, não se pode abusar das ervas, multiplicando os sabores e os cheiros. Deve ter salsa, alho, bom vinho e bom vinagre. Não em excesso para conservar o sangue. Depois, é preciso fazer um refogado muito rico, cuidadoso, não puxado demais, que dê densidade ao molho. Tratar tudo com muito cuidado para as postas não se desfazerem. Paciência

e bons géneros. Não tem mais segredos.

E a música, a guitarra, como surgiram?

O que mais gosto é de tocar. Em minha casa havia uma espécie de choro inútil. Dizíamos: “Gostamos tanto de música e ninguém aprende, ninguém tem jeito...” Lamentámo-nos durante décadas. Um dia, também devo isso à “Quadratura”, num almoço depois de uma emissão comemorativa do 25 de Abril, em Grândola, perante Carlos Martins, um grande saxofonista de jazz, fiz o mesmo choradinho. E ele disse-me: “Deixe-se de coisas, se quer mesmo, faça, compre uma guitarra eléctrica, tenha umas aulas pela internet, e ao fim de um mês faça uma avaliação sincera. Se não conseguir, dê tudo a um sobrinho, se conseguir, contrate um professor para progredir.” Foi isso que fiz. Tenho imenso gosto, toquei em público num concerto com bandas rock de advogados, o Carlos Martins estava lá e, com simpatia, confirmou que de Grândola até aí tinha havido alguma evolução.

Que música toca?

Covers de rock, funky... Toco todos os dias. Estou num hotel em Lisboa e tenho a guitarra no quarto. Continuo a ter aulas. Gosto muito de blues e procuro aperfeiçoar alguma técnica. Gosto da balada jazz, rock. E gosto muito de portugueses, de Sérgio Godinho e Rui Veloso. **w**